

ESCRITA COLABORATIVA NO FACEBOOK: NOVOS ESPAÇOS DE PRODUÇÃO TEXTUAL NO CONTEXTO TECNOLÓGICO

COLLABORATIVE WRITING ON THE FACEBOOK: NEW SPACES OF TEXTUAL PRODUCTION IN THE TECHNOLOGICAL CONTEXT

Emmanuella Farias de Almeida Barros
Benedito Gomes Bezerra
UNICAP/UPE

Resumo: O objetivo deste trabalho foi investigar indícios de escrita colaborativa em textos produzidos no ambiente do *Facebook*, assim como tipos específicos em que essa escrita se manifesta. O suporte teórico para essa análise concentrou-se, principalmente, nas propostas de Lowry *et al* (2004), O'Reilly (2007) e Recuero (2009). O universo da pesquisa foi o site de redes sociais *Facebook*. Ao final do estudo, pudemos concluir que o *Facebook* é um site de redes sociais marcado não só pela interação e comunicação em massa, mas por apresentar também práticas de escrita colaborativa que resultam em textos argumentativos dos mais diversos tipos.

Palavras-chave: Facebook. Escrita colaborativa. Argumentação.

Abstract: *The aim of this study was to investigate evidences of collaborative writing in texts on Facebook posts, as well as to analyze the specific kinds in which collaborative writing appears. The theoretical basis of this work focused especially on Lowry et al (2004), O'Reilly (2007) and Recuero (2009). The research universe was the social media site Facebook. We conclude that Facebook is a social media site that can be marked not only by the mass interaction and communication, but also by collaborative writing practices resulting in argumentative texts of many kinds.*

Keywords: *Facebook. Collaborative writing. Argumentation.*

INTRODUÇÃO

A utilização de sites de redes sociais vem se disseminando cada vez mais, e não só entre os jovens, mas atinge grupos de pessoas de várias idades, classes sociais e diferentes profissões. Nos dias de hoje, o *Facebook* goza de grande popularidade entre um número crescente de usuários e é utilizado por estes de diversas maneiras. Neste trabalho, o foco da atenção volta-se para a produção textual co-

laborativa nesse site, entendido, de acordo com Recuero (2009), como um dispositivo eletrônico que possibilita a formação e manutenção de redes sociais em ambiente digital. Mas, como se dá concretamente essa dinâmica das relações sociais por meio do *Facebook*?

Como dito antes, o *Facebook* é um site bastante popular. A cada postagem, a cada oportunidade de argumentação acerca dos mais diversos assuntos, os usuários da rede se manifestam, sobretudo quando o assunto desperta opiniões diferentes, por ter um teor social que acaba se mostrando polêmico. É nessa situação que surge o texto, não só argumentativo, mas coletivo, tecido por todos que desejam marcar uma posição, mostrando-se contra ou a favor de algum tema.

Nesse sentido, enquanto observadores ativos do *Facebook* e particularmente interessados nas manifestações linguísticas utilizadas nesse site, procuramos direcionar este estudo à escrita que não se desenvolve a partir de um enunciador isolado, mas como fruto de uma comunhão de diversas vozes que o utilizam. Tais empreendimentos enunciativos resultam em um fenômeno que pode indicar a emergência de uma modalidade de escrita colaborativa, por possibilitar aos grupos envolvidos a demarcação de opiniões e pelas facetas linguísticas que se apresentam diferentemente em cada participação escrita.

Desse modo, a escrita colaborativa surge como um resultado dos novos avanços da tecnologia e pode inaugurar novas maneiras de ler e escrever também nos espaços escolares, em que essas novas práticas despertam o interesse dos alunos e podem levar ao aprendizado dinâmico da língua. No manejo da internet e nas ferramentas contidas na rede, é possível encontrar muitas possibilidades para se escrever colaborativamente. Nesse sentido, o *Facebook* é um site que tem como intenção, em sua essência, fomentar as relações sociais e estreitar os laços entre as pessoas. Embora o site não se caracterize pela presença de ferramentas dedicadas explicitamente à escrita colaborativa, isso não implica que ela não seja efetivamente desenvolvida pelos usuários.

Buscando atingir o objetivo de investigar indícios de escrita colaborativa em textos produzidos no ambiente do *Facebook*, assim como caracterizar o tipo específico de escrita colaborativa que ali se manifesta, organizamos este trabalho em cinco tópicos além da introdução e das considerações finais. No primeiro tópico, explicitamos os nossos principais procedimentos metodológicos ao desenvolver este estudo. Em seguida, procuramos descrever brevemente as gerações da *Web*, com ênfase na *Web 2.0*, para depois nos dedicar a uma caracterização do *site* de redes sociais *Facebook* e, em quarto lugar, a uma conceituação da noção de escrita colaborativa. Postas essas bases teórico-metodológicas, apresentamos a análise de um dos textos que compõem o *corpus* da pesquisa.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o desenvolvimento do estudo, selecionamos os dados no espaço chamado “*Feed* de notícias”, no qual as atualizações de amigos do usuário ficam visíveis. Desse modo, a primeira observação dos textos a serem selecionados se encontrava nesse espaço, e só depois que percebíamos a forte presença da escrita coletiva no post é que selecionávamos o texto como um dado possível para compor a coleta de dados. Com isso, selecionamos o *corpus* deste estudo utilizando textos de diferentes

usuários que possuem algum tipo de participação nesse site e que fazia parte do grupo de amigos da primeira autora. Através da observação, os textos foram coletados com base nos seguintes critérios: que fossem textos com elevada quantidade de comentários, envolvendo, portanto, uma maior participação de usuários. Começamos a fazer a coleta no período em que observamos um maior debate no *Facebook*, devido às manifestações em junho e julho de 2013, desencadeadas pelo aumento nos preços das passagens de ônibus urbano, e estendemos o período até outubro do mesmo ano. No total, reunimos 15 textos com indícios de escrita colaborativa. Um desses textos será destacado para análise neste trabalho.

Depois que observamos e coletamos os dados, a partir dos procedimentos descritos anteriormente, armazenamos todos os textos selecionados e começamos a fazer uma categorização temática, pois gostaríamos de trazer para este trabalho os fatos mais relevantes, do ponto de vista da escrita. Ou seja, gostaríamos de trazer textos coletivos que se destacaram por seu teor polêmico, e que tinham grande repercussão e, conseqüentemente, mais comentários.

Desse modo, foram criadas pastas de armazenamento desses dados, em que cada sequência de textos foi numerada como EC1, EC2 e sucessivamente. Em cada pasta eram armazenados os textos dos usuários de maneira fragmentada, pois não era possível realizar o “*Print Screen*” de todos os textos. Assim, cada vez que se pressionava a tecla do “*Print Screen*”, o texto era numerado para que posteriormente entendêssemos a sequência da discussão.

Nesse procedimento, o nosso foco era a repercussão de um *post* inicial. O que nós queríamos investigar era a escrita colaborativa e, para isso, quanto mais comentários e mais discussões, tanto melhor para as nossas análises. Baseados nesse critério, utilizamos como base teórica principal a proposta de Lowry *et al* (2004) para entender se o que acontecia no *Facebook* estava próximo ao conceito estabelecido de escrita colaborativa e em qual categoria de escrita colaborativa se enquadravam as manifestações no site.

DESCREVENDO AS GERAÇÕES DA WEB

Sem dúvida, a internet vem incorporando cada vez mais significados a nossas vidas e ações enquanto usuários ativos na rede mundial de computadores, mas nem sempre foi assim. Na análise de O’Reilly (2007), aproximadamente até o outono de 2001 a primeira geração da *Web*, conhecida como 1.0, só permitia a passividade da parte do usuário, não havia liberdade nas ações e as atividades eram muito restritas, pois a informação disponível não podia ser modificada ou reeditada.

A *Web* 1.0 trouxe muita contribuição no acesso às informações e auxiliou os usuários na busca pelo conhecimento. Contudo, havia limitações nas ferramentas utilizadas e a democratização era um ideal longe do alcance dessa geração, isso porque a maioria das pessoas nessa fase da *Web* precisava pagar pelo serviço utilizado, além de dominar técnicas de computação, o que restringia muito a participação do público nesse primeiro momento.

Essa geração tinha como principal característica uma liberdade ingênua no acesso à internet, não só porque os serviços não eram gratuitos, mas mais precisamente por não haver a liberdade ne-

cessária para que os usuários pudessem se desenvolver na *Web*. Tudo era muito controlado, fosse na área técnica ou nas limitadas possibilidades comunicativas.

A chamada *Web Semântica*, considerada a *Web 3.0*, foi desenvolvida pelo físico britânico Tim Berners-Lee em 2001 e representa a nova geração da internet que procura relacionar os diversos interesses dos internautas e organizar os dados baseados em suas personalidades.

De acordo com Laurentiz (2010), o primeiro passo do britânico Tim Berners-Lee foi relacionar documentos na internet com a finalidade de recuperar, armazenar e publicar os dados contidos por meio de um sistema ligado à rede. Esse sistema era chamado de *Enquire*, mas não chegou a ser concluído.

Tim Berners-Lee foi também o criador do software **World Wide Web**, em março de 1989, a partir do qual, o autor buscava a integração de um sistema de hipertexto em funcionamento na internet. Assim, conforme destaca Laurentiz (2010, p. 21): “em 1990 Berners-Lee completou seu primeiro *browser* e *software* de servidor de *Web*. Em 1991, começou a distribuir este software, então chamado de World Wide Web”. Nesse contexto, a autora destaca ainda algumas características presentes na *Web* semântica, cujo termo foi cunhado em 2001, após a distribuição de seu *software*.

1. Permitir aos dados emergirem na forma de dados reais. Assim, um programa não tem que se privar de sua formatação, imagens, anúncios de uma página da *web* e o sistema, sozinho, acharia onde os dados e o conteúdo estão; 2. Permitir que pessoas escrevam seus arquivos que explicariam para uma máquina a relação entre conjuntos diferentes de dados; 3. Permitir às máquinas seguirem vínculos e, conseqüentemente, integrar dados de muitas fontes diferentes automaticamente. (LAURENTIZ, 2010, p. 23).

A partir do exposto, concluímos que a máquina na *Web* semântica adquire, de certa forma, uma conotação inteligente e os laços entre computador e o ser humano aparecem bem mais estreitos. Ou seja, essa geração é caracterizada por modernizar as relações dos usuários com os seus dados do computador, pois conta com um sistema “capaz de processar as informações, filtrando a lista de respostas encontradas a partir dos interesses solicitados, à procura da informação mais relevante ao problema lançado” (LAURENTIZ, 2010, p. 18).

Aqui convém esclarecer que embora a *Web* semântica tenha sido alvo de debates no segmento acadêmico, muitas vezes as comparações incidem prioritariamente sobre a *Web 1.0* e *Web 2.0*. Isso porque, embora a *Web 2.0* tivesse a criação do termo posteriormente à *Web* semântica (razão por que nossa apresentação seguiu a linha histórica, descrevendo a *Web 1.0* e a 3.0 para só depois apresentarmos a *Web 2.0*), a segunda geração da *Web* representa uma expansão das aplicações e ferramentas disponibilizadas antes, com a *Web 1.0*, o que justifica esse comparativo.

Também é possível observar que existem movimentos sobre a *Web 4.0*, caracterizada por apresentar uma nova forma de interação com o usuário, de maneira mais holística e pessoal no manuseio da internet, mas neste trabalho daremos ênfase a *Web 2.0*, posto que é nessa geração que a escrita colaborativa ganha mais espaço e consistência.

A primeira vez que se ouviu falar em geração *Web 2.0* foi em uma conferência realizada pela

companhia O'Reilly Media que aconteceu em 2004, tendo como principal objetivo esclarecer o surgimento da *Web 2.0* e como ela se manifesta atualmente, de maneira a não vulgarizar esse termo ou torná-lo fora de sentido e de contexto.

Tim O'Reilly explica nessa conferência que duas palavras chaves resumem bem as diferenças entre essas *webs* (1.0 e 2.0): enquanto a primeira prioriza a *publicação*, a outra destaca a *participação*. Desse modo, a *Web 2.0* representa um novo momento na internet de maior socialização dos dados e intervenção do internauta. O aprimoramento no uso das ferramentas possibilita aos usuários organizar e editar os dados de acordo com seus interesses pessoais, tornando-os não apenas espectadores, mas agentes do que está disponível.

Seguindo o pensamento de O'Reilly (2007), é possível observar com clareza uma nova geração que oferece aos participantes atuarem de maneira muito mais dinâmica e efetiva no acesso à internet. Isto é, dentro desse cenário a interação e os serviços de comunicação alcançam grandes proporções e “navegar” na *Web* significa ir além de observar os *sites*, já que a *Web 2.0* oferece aos usuários maneiras de criar, editar, divulgar, acessar, comunicar e interagir muito mais do que era possível realizar antes.

Além de ganhar destaque no acesso aos dados, proporcionando maior flexibilidade e sendo esse o ponto principal dessa geração, a *Web 2.0* quebra as barreiras de reutilização e inova na montagem do que está disponibilizado na rede. Desse modo, a internet passa a ser um serviço e não apenas produto, já que esse novo movimento possibilita um acesso muito mais fácil e na maioria das vezes gratuito, popularizando-a e criando inúmeras possibilidades em seu gerenciamento.

Em meio às ofertas e inovações que surgem com essa nova geração, um ponto fundamental a ser destacado é o aproveitamento destinado à inteligência coletiva. Com a *Web 2.0* surgem comunidades que se unem em favor de um tema. Nesse momento, o espaço social cria raízes e a interatividade torna-se um marco infindável. É, então, a partir dessa coletividade, desse agrupamento, que as barreiras da individualidade são quebradas na internet e surgem ferramentas capazes de ajudar os internautas em práticas sociais mais colaborativas. Nesse contexto, surge a escrita colaborativa como uma atividade da nova *Web*, que vem se popularizando bastante, inclusive nas práticas de ensino, como discutiremos adiante.

CARACTERIZANDO O FACEBOOK

O Facebook foi criado em 2004 por um grupo de estudantes da Universidade de Harvard (EUA) e possuía, de início, um serviço limitado que se expandiu depois para as universidades próximas ao ciclo de convivência dos alunos e, desde então, devido à grande popularidade que alcançou, hoje o Facebook atinge dimensões mundiais. Na atualidade, o Facebook conta com ferramentas que possibilitam aos usuários compartilhar, publicar fotos, vídeos, imagens, textos, “curtir” o que se compartilha e se posta, seguir pessoas, “curtir” páginas de celebridades, filmes e séries para acompanhá-los etc.

Além disso, e por ser um *site* de redes sociais, conta com um perfil que mostra as principais informações dos usuários, desde que estes não o definam como privado, para os amigos. Por outro lado, oferece uma funcionalidade de bate-papo que possibilita a troca de informações instantâneas entre os

usuários. Assim, um espaço virtual com dimensões tão amplas é visto de forma limitada quando se levantam hipóteses que o definem como “site de relacionamentos”, “site social”, ou “uma plataforma”, porque essas descrições, embora pertinentes, acabam não sendo suficientes para abarcar as múltiplas possibilidades disponíveis nesse meio. Baseado nisso, este estudo se apoia no que diz Recuero (2009), quando a autora argumenta que os sites são apenas suportes e que as redes sociais só se constituem, de fato, pela interação estabelecida entre os navegadores. Afirma a pesquisadora que

embora os sites de redes sociais atuem como suporte para as interações que constituirão as redes sociais, eles não são, por si, redes sociais. Eles podem apresentá-las, auxiliar a percebê-las, mas é importante salientar que são, em si, apenas sistemas. São os atores sociais, que utilizam essas redes, que constituem essas redes. [...] Sites de redes sociais propriamente ditos são aqueles que compreendem a categoria dos sistemas focados em expor e publicar as redes sociais dos atores. São sites cujo foco principal está na exposição pública das redes conectadas aos atores, ou seja, cuja finalidade está relacionada à publicização dessas redes (RECUERO, 2009, p. 102).

Fica claro, nas palavras da autora, que o Facebook é apenas um suporte que facilita o relacionamento entre as pessoas conectadas. Facebook, Instagram e tantos outros apontados frequentemente como redes sociais são mais propriamente sites em que essas redes se formam e se mantêm. As redes se constituem entre as pessoas que se relacionam via internet. A partir da exposição inicial do que representa o Facebook, apontamos como ponto de destaque neste trabalho o seu uso na propagação de textos e argumentação em torno de ideias. O Facebook, portanto, se caracteriza, entre outras coisas, como um espaço destinado à escrita que é cada vez mais utilizado pelos usuários como um canal para a conscientização acerca de diversos temas.

CONCEITUANDO E REFLETINDO SOBRE A ESCRITA COLABORATIVA

Com o avanço das tecnologias e com as novas ferramentas que nos foram disponibilizadas ao longo da evolução da internet, destaca-se a escrita colaborativa e as várias nuances observadas nesse movimento comunitário. Assim, é importante mencionar que o contexto em que surgiu a escrita colaborativa *online* se caracteriza por uma dinâmica interpessoal e pela possibilidade de uma comunicação sem fronteiras, o que evidencia a participação de pessoas mais ativas e dialógicas em razão de um tema.

Nesse sentido, estudos vêm sinalizando que o uso das tecnologias mostra novas formas de ensino-aprendizagem, novas práticas de leitura e escrita que modificam o comportamento entre os internautas. Dentre as novas formas de escrever, a escrita colaborativa vem se destacando por oferecer inteligência coletiva, uma vez que demanda a atuação de competências socialmente vivenciadas e construídas na participação grupal.

No Brasil, a área de estudo sobre o uso das tecnologias é um terreno fértil, sobretudo quando utilizadas como novas possibilidades textuais em sala de aula. Dentre os vários autores que reconhecidamente utilizaram a escrita colaborativa em práticas de ensino, destacamos a proposta de Pinhei-

ro (2011). A atividade proposta pelo autor, no que se refere ao uso da escrita colaborativa, ganhou forma na construção de um jornal digital, em que se utilizaram algumas ferramentas da internet para desenvolver esse projeto na escola. Pinheiro (2011) almejava com sua pesquisa não apenas encontrar respostas a partir das análises, mas transformar a prática e indicar soluções pedagógicas.

Diante disso, o autor realizou um estudo qualitativo, contando com a ajuda de um professor de Língua Portuguesa na cidade de Campinas e teve a colaboração de 19 alunos do Ensino Médio para esse fim. Em sua pesquisa, Pinheiro reunia-se semanalmente com a turma para discutir os passos das atividades anteriores e planejar o que deveria ser feito. A opção do pesquisador por utilizar a escrita colaborativa se deu pela demanda que hoje a educação tem de implantar novas práticas de ensino. Para desenvolver esse tipo de produção escrita, Pinheiro (2011) resolveu definir as tarefas entre os alunos. Assim, era possível organizar os dados com as contribuições dos alunos, já que cada um tinha uma função na construção do jornal.

Durante a execução da pesquisa o autor percebeu alguns pontos positivos do uso da escrita colaborativa. Segundo o autor, na medida em que construíam o jornal, os alunos tinham consciência dos seus papéis mediante o desenvolvimento da atividade e assumiam com determinação seus papéis no grupo. Percebeu também que, aos poucos, os alunos adquiriram autonomia e cada vez mais perceberam que a grande premissa de escrita colaborativa era trabalhar não só com a escrita linear, mas, para que de fato isso acontecesse, era necessário agir colaborativamente. Desse modo, os alunos procuraram interligar suas linhas de pensamento aos dos seus colegas, conectando os discursos com a formação de diálogos constantes. Com esse estudo, Pinheiro (2011) mostrou como é possível trabalhar novas práticas de escrita na escola que possam estimular alunos e professores e desafiar seus reais interesses em sala de aula.

Todavia, diferentemente do autor, neste artigo, a escrita colaborativa a ser estudada emerge de um site de redes sociais que não necessariamente prioriza a busca pelo conhecimento. Sendo assim, procuraremos meios de entender como acontece esse dinamismo no texto e a coletividade no uso da linguagem escrita. Dessa forma, esclarecendo a temática em questão, encontramos nas palavras de Lowry *et al.* (2004, p. 75) aquilo que melhor traduz a definição de escrita colaborativa no âmbito deste trabalho. Afirmam os pesquisadores:

Escrita colaborativa é um processo iterativo e social que envolve uma equipe focada em um objetivo comum que negocia, coordena, e comunica-se durante a criação de um documento comum. O alcance potencial da escrita colaborativa vai além do ato mais básico de composição conjunta para incluir a possibilidade de pré-atividades, formação da equipe e planejamento. Além disso, com base em uma tarefa de escrita desejada, a escrita colaborativa inclui a possibilidade de muitas estratégias diferentes de atividades, seja na produção de documentos, abordagens de controle, funções da equipe, e modos trabalho.¹

Nesse sentido, o que caracteriza a escrita colaborativa é a participação de várias pessoas para atingir os objetivos ao escrever e, mesmo que as funções sejam individuais, o grupo é a base empírica

¹ Tradução de responsabilidade dos autores.

da escrita na coletividade. Como Lowry *et al.* (2004) esclarecem, a escrita colaborativa representa um estudo holístico, abarcando um conjunto de funções que são conduzidas por diversas estratégias, e é justamente essa pluralidade modal na escrita que vai indicar uma participação de grupo fundamental nas escolhas a serem realizadas. Ou seja, as atividades do grupo estão subjacentes às estratégias escolhidas para que melhor se desenvolva a tarefa que é proposta.

Seguindo essa linha de pensamento, as estratégias para a escrita colaborativa, por serem diversas, contemplam, cada uma, um *modus operandi* imprescindível ao encaminhamento das práticas socio-culturais e às possibilidades de escrita que podem surgir desse contexto.

Sendo assim, Lowry *et al.* (2004) apresentam algumas maneiras de desenvolver a escrita colaborativa, de acordo com a estratégia, e argumentam sobre as vantagens e desvantagens de cada tipo. Segundo os autores, a escrita pode ser de *autor único* quando uma única pessoa é responsável pela escrita enquanto os demais refletem e chegam a um consenso sobre o que deve ser escrito. A vantagem dessa estratégia é que o estilo do autor permanece e é destacado na produção, mas é difícil reconhecer a atividade do grupo e o consenso aparece em menor grau.

Outro tipo reconhecido é a *escrita em sequência*, e nesse caso cada membro participa ao escrever de maneira coordenada e sequencial, sem, contudo, haver uma divisão de tarefas mais rígidas, já que um dará continuidade ao trabalho do outro. Como ponto positivo, Lowry *et al.* (2004) reforçam a facilidade de planejar e organizar, já como ponto negativo destacam que, por ser em sequência, o grupo pode ser desordenado e um participante acabar invalidando o trabalho do outro, deixando a desejar também no consenso grupal.

A *escrita em paralelo* possui duas subdivisões: enquanto uma é horizontal, quando cada um é responsável por certa seção do documento, a outra pode ser estratificada, quer dizer, cada um é responsável por uma seção do texto baseada nas suas habilidades. Essas estratégias contemplam uma maior participação nas atividades do grupo, pois cada um terá uma participação no andamento da escrita e não centralizará sua participação em detrimento do trabalho do outro, como na estratégia anterior. Por outro lado, quando mal planejado, um escritor pode não enxergar o trabalho do parceiro, pode haver redundância e sobrecarga de informações, que dificultam a consensualidade na produção.

Por fim, tem-se a *escrita reativa*, caracterizada por uma postagem inicial que vai ganhando movimento e se desenvolvendo a partir de outros participantes que discutem um tema inicial. Então, embora a individualidade permaneça em primeiro plano, a colaboratividade surge de várias manifestações individuais que vão construindo juntos um “texto de retalhos”. Como ponto positivo dessa escrita, os autores destacam a criatividade, mas alertam que essa estratégia pode esbarrar em suportes que não podem lhe dar condições efetivas de desenvolvimento, além de ser extremamente difícil de coordenar.

Como vimos, a escrita colaborativa assume muitas formas, porém, dentre elas, a que mais se assemelha ao que acontece em sites de redes sociais é a escrita reativa, e como o próprio nome indica, existe uma reação a algum *post*, que acaba despertando a atenção do usuário. Nesse caso, uma postagem inicial é o princípio elaborativo de um texto criado pelos diversos usuários que decidem demonstrar sua opinião.

É possível observar que, independentemente das estratégias utilizadas para que se realize a

escrita colaborativa, essa prática de escrita demanda estratégias cognitivas diferentes de quando escrevermos sozinhos.

Isto é, ao produzir textos colaborativamente podemos desenvolver vários papéis, como o de editor, revisor, mentor, revisor inicial, pesquisador, mas é possível também trabalhar em etapas que estejam aliadas às nossas habilidades como construtores de sentido, por isso é importante que as tarefas sejam executadas de maneira consonante em parceria com o grupo e em acordo com a estratégia utilizada. Nesse sentido, a escrita colaborativa está intimamente relacionada às práticas socioculturais com dinâmicas no relacionamento grupal que cada vez mais afloram em uma premissa interativa e ontológica. Entretanto, mesmo utilizando a proposta de Lowry *et al.* (2004), faz-se necessária uma reflexão crítica acerca das definições estabelecidas, posto que a escrita colaborativa reativa se distingue das demais pelas disfunções nas tarefas que acarretam uma descoordenação maior na execução dos papéis e somente a reação não compreende uma questão fundamental da escrita colaborativa reativa, mesmo que essa seja sua característica mais importante.

Diante disso, defendemos a escrita colaborativa como uma prática sociocultural que está situada na coletividade, no compartilhamento e na divisão de tarefas em um mundo cada vez mais interconectado, que reconhece as funcionalidades dos artefatos escritos mediados pelas tecnologias emergentes.

ANALISANDO A ESCRITA COLABORATIVA NO *FACEBOOK*

Para realizar as análises de escrita colaborativa no *Facebook*, selecionamos textos que eclodiam em debates com alto nível de adesão, formando um texto maior com vários comentários, assim como selecionamos os respectivos comentários de cada *post*. Mas, para que a análise não ficasse perdida nos mais variados tipos de opiniões relacionados, optamos por incluir nesse espaço os comentários mais consensuais e próximos ao que discutimos ser considerada uma prática de escrita colaborativa.

Diante disso, o exemplo textual aqui apresentado é uma crítica a “extrema” pacificidade ocorrida nas manifestações realizadas entre os meses de junho e julho de 2013, que tomaram conta das ruas em várias regiões do país. A autora do *post* argumenta que as manifestações foram muito “certinhas” e que sem um real envolvimento cívico torna-se difícil fazer uma movimentação política que altere os rumos do Brasil. Nesse caso, a colaboração está expressa em comentários divergentes, que não compactuam com a explanação apresentada.

Fragmento textual 1 – Opinião sobre as manifestações

Post inicial: Usuário A²

o que eu vejo hoje no facebook:

1. um grupo - formado majoritariamente por pessoas que sempre estiveram em contato com os movimentos sociais - achando que o protesto não foi protesto, falando da despolitização do movimento, da falta de sentido, criticando os coxinhas e o sentimento nacionalista que está tomando conta do povo.
2. do outro lado, um grupo enooooorme que achou o protesto lindo, seguro, sem violência e acredita na eficácia do total pacifismo para se alcançar esses tantos ideais expostos nos seus cartazes.

E eu, que desde criança acompanho os movimentos sindicais dos quais minha mãe sempre fez parte e há anos com sonho de ver uma manifestação com participação popular real, faço parte do grupo que saiu triste, descontente, desanimado. Que saiu com a sensação de não ter feito nada e de não ter visto nada além das reclamações de facebook transferidas para cartazes. Infelizmente - e espero muito que esteja equivocada - não acredito na eficácia de protestos organizados pelo governo (sim, até a nossa rota foi determinada pelo governo!), extremamente pacifista, com pessoas dançando ciranda, felizes, brincando e fazendo social, sem palavras de ordem, sem ideologia política, com veneração à força policial e exaltação à bandeira nacional.

Me perdoem os que gostaram (direito de vocês), mas o meu sentimento foi de ter participado de um dos momentos mais APÁTICOS e DESPOLITIZADOS da história dos movimentos sociais.

B +1 Respondendo com mesma resposta que dei a [redacted] Minha bem pouco tempo a população sequer considerava uma passeata como movimento legítimo de democracia. Basta lembrar que no último manifesto contra o aumento das passagens de ônibus, a posição da população era de criminalizar os estudantes. Propósito político também é construído com o tempo. Também não entendi as críticas, não só as suas, extrema aos pacifismo. Não aprendemos nada com Gandhi ?
21 de junho às 14:00 · Editado · Curtir · 1

² Colocamos as letras para que fique clara a organização dialógica na estrutura dos textos escritos, além dos números para indicar quantas vezes cada autor comentou no processo de construção da escrita colaborativa.

C **+1** como seria possível para você um movimento pacífico com 100 mil X pessoas na rua e todas elas politizadas?

Vejo muita gente criticando ao invés de levantar pontos objetivos para se protestar, melhorias na saúde, na educação e no transporte público são conceitos gerais, que pouco trazem diferenças para o que tem q mudar no dia-a-dia, acho que a manifestação foi muito mais uma demonstração de insatisfação, que uma defesa de uma causa, como ocorre nos sindicatos.

Que o roteiro foi pré-determinado, foi, é claro, mas alegar que o que houve ontem não pode ser classificado como manifestação é outra coisa. Mesmo pré-determinado, com o protesto houve fechamento de todo comércio e repartições, o que causou transtornos e prejuízos, foram fechadas quatro das principais avenidas da cidade, quem não participou, em sua maioria teve que ficar em casa (sei que em Boa Viagem e Encruzilhada a rotina não modificou tanto, mas no restante da cidade isso aconteceu).

Achei ótima a postura da PM, o que eu não queria era tomar bala de borracha e gás lacrimogêneo enquanto estava agindo pacificamente, a polícia não precisa ser tratada como inimiga, pois também é feita de pessoas, que em sua maioria, pelo menos assim acredito, são decentes.

Sou totalmente contra a violência e o vandalismo, mesmo aquele considerado "simbólico", achei errado terem jogado tinta na Universal, mesmo achando um local de alienação e exploração de pessoas, mas ninguém é obrigado a pensar como eu, cada um tem a fé que quiser, desde que não afete os direitos dos outros – aí você deve dizer: mas afeta, afinal Feliciano está lá por conta de pessoas assim – enfim, mas não é jogando tinta que ele vai sair de lá ou que as pessoas da Universal mudarão seu pensamento, e sim com discussão política e acho que ontem foi muito válido quanto a isso.

Hoje tive que pegar ônibus em uma parada sem proteção, porque haviam depredado a da frente do meu trabalho, também quebraram lá dentro, a guarita e a porta de vidro, agora me diz – quem vai pagar pra colocar a parada de volta? Quem vai se molhar até eles fazerem isso? Uma das questões mais solicitadas foi a melhoria no transporte público e quebrar paradas vai na direção oposta a isso.

Outra coisa, é claro que a maior parte das pessoas que estavam lá eram despolitizadas, de um dia para noite elas não iam ter a bagagem que você, que como mesma falou, acompanha movimentos desde criança, além de ter uma ampla bagagem educacional, mas só o fato de levar essas pessoas a rua e fazer elas falar sobre política, buscar sobre política, pode refletir de forma positiva no ano que vem, na hora de escolher o candidato.

Acho que se o movimento ficar por isso mesmo não vai dar em nada, vai ter sido só carnaval mesmo, mas também não acho que seja necessário vandalismo ou uma relação hostil com a polícia para se conseguir o que se deseja. Não quero ver gente com bala de borracha no olho, nem carro queimado, nem depredação ao patrimônio público, nem saque a lojas, sou pacifista.

21 de junho às 15:00 · Curtir · 3

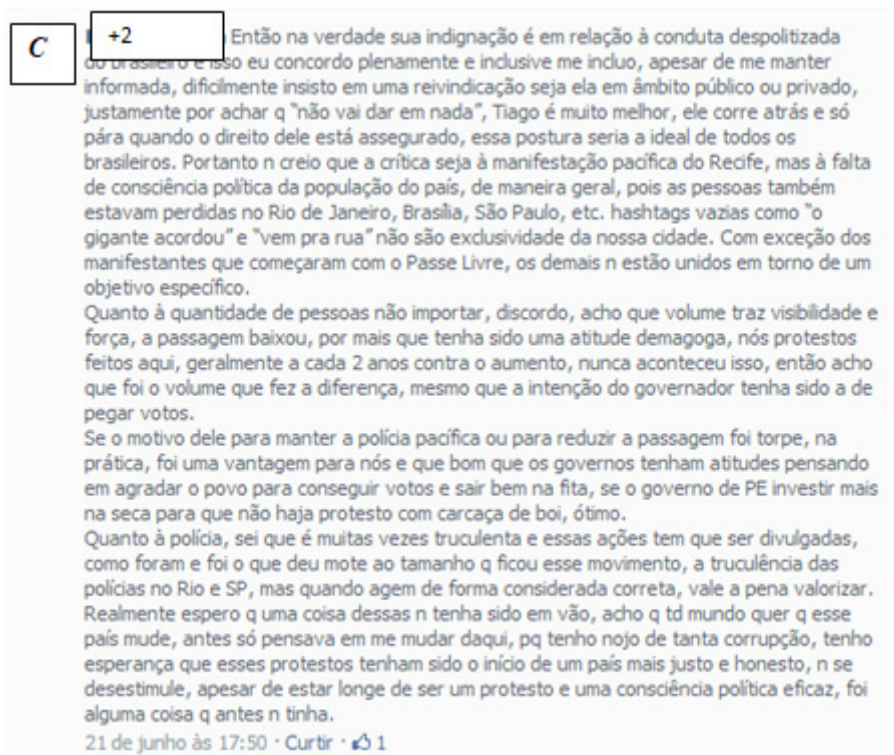
A **+2** bem, já falei isso e vou falar de novo: falar em protesto de verdade não é necessariamente falar em quebra-quebra, mas sim em postura política, em revolta, em indignação, em luta. se vc vai pra um protesto, o mínimo que se espera (ou que eu esperava, pelo menos) é que as pessoas não vão pensando que estão indo pra uma festa. nada contra festa, muito pelo contrário, só acho que cada coisa na sua hora.

Quanto a esperar que as pessoas tivessem um posicionamento diferente, ok, acho que fui utópica. mas fui. e continuo sendo. e espero que, de fato, esse seja um começo de algo MELHOR, e não apenas maior em número de pessoas, pois prefiro um grupo menor mas que saiba a que veio, do que uma população enorme nas ruas e perdida. e sabe por quê? Porque enquanto a gente anda numa rua fechada pra isso (com horário determinado pra início e fim pelo governador, assim como o roteiro da passeata) sem ideologia política e sem rumo, há grupos bem menores e mais organizados que aproveitam esse momento de descontentamento da população pra os seus próprios objetivos. e a esses grupos, eu não quero servir de massa de apoio (leiam sobre o golpe de 64, vejam q a postura do povo nas ruas não difere mto do que estamos vendo agora. isso dá, sim, muito medo).

no mais, não sou a favor da pm e nem vejo a polícia como amiga. acho que sem farda há mto que concordam com a gente. mas fardados, obedecem ordens de quem está no poder e agem indiscriminadamente - historicamente são eles o instrumento de repressão do Estado e isso não mudou. se agiram direitinho ontem, foi porque foram ordenados a agir assim pelo governador eduardo campos, que não quer ter sua imagem manchada, pois tem a ambição política que todos sabem. ano passado mesmo, que o cenário político era outro, em manifesto pacífico (pacífico sim, mas manifesto), foi essa mesma polícia de ontem que saiu batendo no povo que pedia a revogação do aumento de passagens.

Por fim, gostaria de ser otimista como vcs, [] e [] pois acho que o meu pessimismo talvez esteja me impedindo de ver alguma coisa de bela no que está acontecendo aqui. Torço, de verdade, pra que eu esteja errada em tudo e que esse seja o início de mudanças positivas e de uma tomada de consciência da população. 😊

21 de junho às 15:58 · Curtir · 3



Fonte: Site Facebook

Essa primeira prática de escrita colaborativa acreditamos que corresponde ao tipo designado de escrita colaborativa reativa, designada por Lowry *et al.* (2004), por apresentar algumas características que estão associadas a esse tipo, que são: (1) A escrita ganha movimento a partir de um *post* inicial; (2) Criatividade a partir das manifestações individuais.

Além disso, observamos alguns aspectos que reiteram esse texto como uma prática de escrita colaborativa e não apenas como textos intercalados. O primeiro diz respeito à *centração temática*³. Embora as opiniões sejam contrastantes, o tema é recorrente e os autores envolvidos estão sempre argumentando acerca da questão propulsora da postagem. Portanto, mesmo que haja uma evolução na questão inicial, com um novo entendimento do que foi proferido, como observamos no último comentário, há uma consensualidade temática que reverbera na escrita colaborativa.

Por outro lado, temos os *elementos coesivos* que além de “amarrarem” as ideias dos autores, dentro do seu próprio espaço discursivo, retomam as mensagens dos seus interlocutores citadas anteriormente para que possam dar continuidade à exposição do pensamento. Por exemplo: “quanto a esperar que as pessoas tivessem um posicionamento diferente...” “Quanto à quantidade de pessoas não importar...” “quanto a polícia...”. Ou seja, essas maneiras de retomar o assunto dão continuidade ao texto e ao mesmo tempo situam os locutores no espaço discursivo proposto inicialmente, para que as informações não sejam fragmentadas.

Para Koch (2013), existem duas maneiras de retomar as informações dadas no texto, que se fazem ou por meio de remissão, ou por meio de referências textuais. A principal diferença entre elas

³ Esse item e os demais que seguem destacados foram categorias de análises criadas pelos autores a fim de caracterizar as práticas de escrita colaborativa reativa presentes no *Facebook*.

é que enquanto a remissão se faz por meio do aspecto cognitivo as referências são retomadas textuais expressas. Nesse exemplo de escrita colaborativa, destacam-se as retomadas textuais expressas, já que cada autora retoma um assunto dito anteriormente para dar continuidade ao seu texto.

Nessa análise, gostaríamos de destacar também o *acréscimo de informações* que, ao mesmo tempo em que enriquece a discussão, traz novos elementos para que os autores desenvolvam seu raciocínio. Em especial, esse texto traz como marca a experiência pessoal como principal fonte de informação. Os usuários pouco utilizam dados para que os seus argumentos se tornem mais confiáveis. Mesmo assim, os novos dados são pano de fundo para o movimento não coordenado sugerido pelo tipo de escrita colaborativa reativa. Nesse exemplo, trata-se de uma progressão com tema constante em que, ao mesmo tempo em que há uma expansão temática, o tema é sempre constante nos textos pelos elementos coesivos que retomam informações anteriores e não permitem a dispersão dos encadeamentos textuais.

Por fim, argumentamos sobre a *organização textual* que indica nos comentários a construção de textos lógicos, cronológicos, que seguem uma ordem estrutural, com começo, meio e fim. Desse modo, não são apenas simples comentários como encontramos no *Facebook*, de apoio, incentivo ou frases feitas. Já que, sendo a escrita colaborativa reconhecida por sua prática sociocultural, mediada pelas novas tecnologias, comentários curtos e concisos não fariam aflorar a prática de relacionamento grupal marcada pela interatividade e reflexão crítica, pois seriam apenas “minitextos” cunhados em termos prontos e com frases de efeito previsíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das linguagens em suportes digitais tornou-se cada vez mais recorrente no meio acadêmico entre pesquisadores que entendem e reconhecem a importância atribuída a esses elementos no contexto atual.

Com o *Facebook*, o que nós escrevemos e pensamos alcança uma dimensão que pode fugir ao nosso controle, pois um simples clique de compartilhamento leva o nosso texto para lugares que jamais imaginaríamos. No *Facebook*, temos a liberdade de escrever tudo o que pensamos sem o limite estabelecido como, por exemplo, no *Twitter*, pois o *Facebook* suscita uma prática cada vez mais elaborada por usuários ao esboçarem detalhadamente cada linha de raciocínio que acreditam.

É por meio dessa maneira de expressão que observamos hoje que o nosso interesse se intensificou. Ao observarmos com mais cuidado esse site de redes sociais, percebemos que temos nas mãos não só uma ferramenta de lazer, interação e comunicação com nossos amigos, mas uma ferramenta de militância, de persuasão, de luta e de debates sociais.

Ao final desta pesquisa, é possível afirmar então que o *Facebook* é um espaço que apresenta práticas de escrita colaborativa. Vimos com o exemplo e a análise realizada que os comentários desenvolvidos não são apenas textos intercalados, pelo contrário, nesse site, encontramos uma prática de escrita colaborativa que, mesmo desordenada e descoordenada com a intervenção demasiada de vários usuários, se constitui justamente pela colaboração e participação de todos.

Como vimos anteriormente, o que caracteriza a escrita colaborativa é a participação de várias pessoas para atingir os objetivos ao escrever e, mesmo que as funções sejam individuais, o grupo é a base empírica da escrita na coletividade. Assim, não importa que no *Facebook* as tarefas não sejam coordenadas e negociadas, já que é por meio da produção coletiva que a escrita se torna colaborativa.

A escrita colaborativa em sites de redes sociais não tem como função primordial a divisão de tarefas e regras para o bom andamento do grupo. O objetivo de cada internauta é mostrar o que pensa e não necessariamente construir uma escrita consensual. Não excluimos com isso a possibilidade de haver escrita colaborativa, mas em outros moldes, é o que defendemos e concluimos neste estudo. Pois, como vimos, mesmo que a reação não seja o fator primordial para definir se o que há no *Facebook* é uma escrita colaborativa reativa, compreendemos que os pontos elencados nas análises satisfazem as ideias expressas por Lowry *et al.* (2004), sendo a escrita reativa a que mais se aproxima do que podemos observar no site.

REFERÊNCIAS

KOCH, Ingedore G. Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. 10. ed., 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2013.

LAURENTIZ, Silvia. *Tags e metatags? De Ted Nelson a Tim Berners-Lee*. REVISTA PORTO ARTE: PORTO ALEGRE, v. 17, n. 28, MAIO/2010. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/18786/10964>> Acesso em 20 de maio de 2018.

LOWRY, P.; CURTIS, A.; LOWRY, M. 2004. Building a taxonomy and nomenclature of collaborative writing to improve interdisciplinary research and practice. *Journal of Business Communication*, v. 41, n. 1, p. 66-99, January 2004. Disponível em: <<http://job.sagepub.com/cgi/reprint/41/1/66>> Acesso em 19 de maio de 2018.

O'REILLY, T. *What is Web 2.0?: Design patterns and business models for the next generation of software*. 2007. Disponível em: <oreillyn.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html> Acesso em 15 de maio de 2018.

PINHEIRO, Petrilson Alan. A escrita colaborativa por meio do uso de ferramentas digitais: Ressignificando a produção textual no contexto escolar. *Calidoscópio*, v. 9, n. 3, p. 226-239, set/dez 2011.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

Emmanuella Farias de Almeida Barros

É mestra em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação pela mesma instituição. Atuou como Formadora Regional do PNAIC, programa vinculado ao Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL/UFPE). Atualmente é professora convidada dos cursos de Pós-Graduação da Autarquia de Ensino Superior de Garanhuns (AESGA). E-mail: emmanuellabarrosgmail.com

Benedito Gomes Bezerra

É doutor em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), professor adjunto da Universidade de Pernambuco (UPE) e professor assistente da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Atualmente é Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem – PPGCL (UNICAP) e professor do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS (UPE). E-mail: beneditobezerra@gmail.com

Enviado em 30/01/2018.

Aceito em 20/02/2018.